

Raízes comuns entre o Laudário de Mestre André Dias e o Laudário de Pisa

Nos livros que escreveu e nos documentos que lhe dizem respeito, chama-se ele André Dias, Andreas Didaci, Andreas Hispanus, André de Escobar, André de Rendufe (por ser abade do mosteiro beneditino dessa terra) e, em duas cartas, pelo menos, assina-se também Andreas Ulixbonensis, isto é, André de Lisboa, pois ali nascera.

Como o Infante D. Pedro, seu contemporâneo, correu as sete partidas do mundo e teve bastantes desilusões. A amargura extravasava, mau grado seu, das palavras cansadas deste velho algo rabugento, sempre a queixar-se de pobre e meio abandonado.

No começo das *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias* (Mosteiro de Singeverga, 1951) já falámos da vida e obras deste monge e bispo¹, das suas viagens, ocupações e dignidades, anotámos a sua posição de beneditino, quando compunha as suas laudas e cantigas, já de idade provecta, em Florença, no ano de 1435. A História, porém, anda sujeita a contínuos aperfeiçoamentos.

Com efeito, o douto franciscano Ant. Domingues da Sousa Costa publicou depois a biografia vasta de *Mestre André Dias de Escobar, Figura Ecuménica do Século XV*, à base de novos documentos e para lá remetemos o leitor. Ficou deslindada uma situação confusa. Com efeito, alguns autores faziam dele dominicano, mesmo em 1435, quando escreveu o seu laudário, marcado pela poesia religiosa italiana,

¹ MÁRIO MARTINS, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias* (Mosteiro de Singeverga, 1951) pp. 1-18.

sem sabermos muito ao certo até que ponto ela exerceu influência, nem de que maneira.

Ora bem, Sousa Costa descobriu, firmando-se em documentos, que Mestre André Dias fora de facto dominicano, mas passara relativamente cedo aos cônegos regrantes e daí para os beneditinos². Abade comendatário do mosteiro de Rendufe, beneficiário em Sevilha e Toledo, bispo de Ajácio, na Córsega, bispo de Ciudad Rodrigo, bispo titular de Mégara, bispo titular de Tabor, na Palestina, abade comendatário do mosteiro de Alpendurada, padre do concílio de Constança, relacionado com o abade D. Gomes, professor universitário, tudo isto e muito mais ele era e fez, acabando por morrer à volta dos 102 anos, em fins de 1450 ou começos de 1451. Chegou mais longe nos anos do que pensávamos.

Foi ele quem fundou, na igreja dos dominicanos de Lisboa, onde havia talvez alguns dos seus conhecidos antigos da Ordem, a Confraria do Bom Jesus. Deu-se isto em 1432³. Em 1435, achava-se já em Florença, altamente relacionado com D. Gomes, traduzindo então as suas laudes poéticas do florentino para o português: *Laudes e cantigas spirituaaes [...] trasladadas de lynguagem felorentino em lynguagem portugaleso, en na çidade muyto froreçente de Florença, no anno de myl e quatroçentos e triinta e çinquo, per mym meestre Andre Dias de Lixboa, meestre em theopysia, e pobre bispo de Megara, em Greçia, da hordem de sam Beento professo*.

Fixe bem o leitor: Trasladar, traduzir do florentino para português. Só uma tradução, pensamos nós, mais ou menos livre. Mas havia as liberdades medievais de acrescentar, aqui e além, mudar um pouco e parafrasear, sem dizer água-vai.

Além disso, mais adiante, fala-nos dos «melodyosos cantares, hymnos, prosas e laudes» que, diz ele, neste livro «conpiley e escrevi». E na mesma folha do códice, refere-se a «estas laudes e hymnos e orações escriptas, feytas e conpostas per mym, pobre bispo, meestre André Dias de Lisbõa»⁴.

A tomarmos à letra estas expressões de Mestre André Dias, temos, neste laudário, traduções mais ou menos livres de laudes

² ANT. DOMINGUES DA SOUSA COSTA *Mestre André Dias de Escobar, Figura Ecuménica do Século XV* (Roma/Porto, 1967) pp. 35-46, 239-240, 277-281, etc. Cf., por exemplo, as letras de Bonifácio IX, com a data de 23 de Abril de 1399, dirigidas ao mesmo André Dias e transcritas nas pp. 239-241: «Dilecto filio Andree Didaci de Ulixbona, ordinis fratrum predicatorum professori, in sacra theologia magistro».

³ *Ib.*, pp. 14-17.

⁴ MÁRIO MARTINS, *op. cit.*, pp. 12-13.

em florentino, compiladas e escritas por ele. Escritas no sentido antigo de serem copiadas por ele? No entanto, o seu papel parece ter sido mais vasto e complexo, pois além de escritas, afirma que foram por ele feitas e compostas. Segue-se daqui ter metido André Dias, no seu laudário, algumas coisas da sua lavra ⁵.

Quando, em 1951, publicámos as *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias*, só pretendemos fazer um estudo e oferecer ao leitor grande parte do laudário, a fim de fomentar em alguém o desejo de fazer uma edição crítica do códice, com as respectivas notas. Isto levaria talvez uma vida e em breve mostraremos porquê. Só para conhecer as fontes, seria necessário estudar e comparar, a um por um, os laudários italianos, impressos ou não. Ora eles são muitos. É verdade que Annibale Tenneroni deu-nos os seus *Inizii di Antiche Poesie Italiane Religiose e Morali con Prospetto dei Codici che le contengono e Introduzione alle Laudi Spirituali* (Florença, 1909).

Sabemos, porém, que tais inícios não chegam sempre para identificar tal ou tal laude. E tratando-se até da mesma laude, esta pode ser mais longa ou mais curta e desviada, em certa altura, para um fim diverso. Encontramos um destes últimos casos no *Laudário de Pisa*. Mas deixando à margem várias coisas por nós observadas na floresta ondulante e mutável das laudes italianas, digamos primeiro alguma coisa da estrutura habitual destas poesias e passemos depois ao paralelo entre o *Laudário de Pisa*, publicado em Upsália no ano de 1931, e as *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias*.

Antes de mais nada, lembramos que se pode traduzir laude por loa, tanto mais que na Itália e, por conseguinte, em Mestre André Dias, aparecem também laudes teatrais. Ora bem, na nossa literatura, temos igualmente loas teatrais, umas; e loas só para serem cantadas, outras, entre elas as que escreveu João de Deus para a Senhora do Cabo, no círio de Almargem ⁶.

No entanto, devemos acentuar que segundo Francesco Galasso, da Universidade de Catânia e de olhos fitos na Itália, é a laude uma composição poética, «de carattere popolare, proprio della letteratura italiana, dei primi secoli e con pochi riscontri nelle letterature contemporanee d'Europa». E acrescenta que as mais antigas laudes, chegadas aos nossos dias, datam da primeira metade do séc. XIII.

⁵ *Ib.*, pp. 14-17.

⁶ JOÃO DE DEUS, *Campo de Flores*. (Lisboa, 1896) pp. 348-357.

Floresceram muito na segunda metade desta centúria, profundamente enraizadas nas prosas ou sequências litúrgicas, de sabor popular e ainda em latim. Por exemplo, nas laudes traduzidas por Frei Marcos de Lisboa, do italiano para português, e que todas ele atribui a Jacopone de Todi, as cinco últimas estão em latim embora só uma delas, o *Stabat mater dolorosa*, tenha fortes probabilidades de pertencer a Fra Jacopone da Todi⁷. Supõe isto que poderíamos conceber um laudário em cânticos latinos. Mas basta ler o *Dossier de l'Ordre de la Pénitence au XIIIe Siècle* (Friburgo, 1961), por G. G. Meersseman, O. P., para avaliarmos a influência destas e doutras confrarias e o seu carácter popular, mesmo quando os poetas dos seus laudários pertenciam a famílias de nível intelectual superior, como Feo Belcari, relacionado com os Médicis. A linguagem popular tinha de prevalecer.

Foi Erik Staaff quem publicou e prefaciou *Le Laudario de Pise*, do famoso ms. 8521 da Bibl. do Arsenal de Paris. Através do erudito estudo que o precede, ficamos a saber, por exemplo, que nesta colectânea figuram, pelo menos, sete laudes de Fra Jacopone: *Piange la ecclesia, piange et dolora*; *O Cristo onnipotente oue siete inuiato*; *Quando t'allegri homo d'altura*; *Tropo perde'l tempo chi ben non t'ama*; *Un albor e da Dio piantato*; *Chi fai anima sfidata*; *O anima mia creata gentile*. Correspondem estas laudes aos n.ºs 22, 41, 48, 53, 58, 65 e 66 do *Laudário de Pisa*⁸. E Staaff acrescenta, mais adiante, ser irregular a versificação de muitas laudes. Por outro lado, elas assumem, em geral, a forma simplificada e fácil da balada, não da balada do norte europeu, cheia de romantismo, mas do mediterrâneo, principalmente da *canzone di ballo* italiana.

Resumindo com palavras suas: «Rappelons déjà ici que les laude présentent la forme — généralement simplifiée — de la ballade. Nous retrouvons, par conséquent, au commencement du morceau le refrain, auquel correspond, ou, du moins, doit correspondre, en fait du nombre des vers et de la succession des rimes, la fin de chaque strophe (la volta). Le dernier vers de chaque strophe doit rimer avec le dernier du refrain»⁹.

No paralelo que vamos estabelecer entre as laudes de Mestre André Dias e o *Laudário de Pisa*, detectamos na versão e adaptação

⁷ FREI MARCOS DE LISBOA, *Segunda Parte das Crônicas da Ordem dos Frades Menores* (Lisboa, 1562) fls. 283-286.

⁸ *Le Laudario de Pise* (Upsália/Leipzig, 1931), ed. por E. Staaf., p. XXXIII.

⁹ *Ib.*, p. XXXV.

do Bispo de Mégara muitos sulcos da balada italiana, embora com a versificação tremendamente livre. No entanto, continua a sobressair a igualdade entre a rima final de cada estrofe e a rima do verso final do refrém, como diz Erik Staaff. O leitor verá por si mesmo.

Além disso, temos a música e a dança. Quanto a André Dias, ignoramos se a música era portuguesa ou italiana, ou mesmo se ele a chegou a ensinar ao povo, unida à letra. Por isso, não temos a certeza plena de tais laudes terem sido cantadas em Lisboa. No entanto, julgamos que sim e tal era o seu destino: «Viinde ora e viinde todos vós outros confrades e servos da confrarya do boo Jhesu, e commygo estes melodyosos cantares, hymnos, prosas e laudes, que aquy em este livro conpiley e escrevy aa honrra do bom Jhesu, altas vozes cantade, baylade, dançade, orade, tangede, em orgoons, em atabaques, com trombas, com anafiis, com guytarras, com alaudes e com arrabiis, ante o seu altar»¹⁰. Nada mais claro, na intenção. André Dias era entusiasta e mesmo teimoso. Deixaria as laudes por cantar, ao menos uma ou outra?

Dissemos que não podemos deixar-nos levar pela igualdade de certas estrofes, a ponto de concluirmos daí a sua igualdade geral. Com efeito, algumas das laudes seguiram depois por caminhos diferentes, como irmãs que se despedem numa encruzilhada. Noutros casos, uma segue para diante e a outra deixa-se ficar parada, pondo um ponto final no seu crescimento. Verificamos este segundo caso na primeira poesia do *Laudário de Pisa*, com o intróito ou refrém (e é-o quase sempre) e mais quatro estrofes a seguir:

Exultando in Jhesu Cristo,
figliuol del padre splendore,
cantiam laude di buon core
ai santi angeli beati.

Cantiam con gran desiderio
ad tucti l'angeli beati,
per ch'a nostro ministero
dal'auto Dio som mandati,
e lgli archangeli laudati
siam colgli altri septi chori,
per sentir di lor dolcori
cantian di lor ordinati.

¹⁰ MÁRIO MARTINS, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias* (Mosteiro de Singeverga, 1951) p. 17.

Michael cioe a dire
 chi e come Dio singnore,
 quando prese a superbire
 Lucifer, angel maggiore,
 contrastette al suo falloire
 e, per diuina uirtude,
 le sue altesse ebbe abbactute
 e i suoi segaci abassati.

Gabriele interpretato
 fortessa del alto Dio,
 ch'a la uergine mandato
 fue ch'anuntiasse il pio
 Gesu Cristo, hom e Dio,
 lo quale douea pungnare
 co i demoni e liberare
 quei che n pena ram legati.

Raphael di Dio sire
 medicina e appellato,
 lo quale fece reuenire
 a Tobia il lume privato,
 che lunghi tempi era stato
 senza lume corporale,
 per l'archangel da quel male
 fuoro li suoi occhi isuelglati¹¹.

Intróito, isto é, um convite e esclarecimento para entrar na laude e no assunto. Ora bem, Mestre André Dias, na *Cantica e lauda de toda a cavalaria do çeeo*, exprime-se substancialmente da mesma maneira, no intróito e nas estrofes que transcrevemos—e são tantas quantas vêm no *Laudário de Pisa*:

*Alegrandonos no Padre e Filho e Spiritu Sancto,
 com corações muyto humyldosos,
 cantemos laudas e canticas
 a todos os angeos bem aventurados.*

Louvemos e honrremos
 com muyto grande desejo,
 todos os angeos e sanctos,
 por que por nossos guardadores nos som dados,

¹¹ *Le Laudario de Pisa*, ed. cit., n.º 1. Nas transcrições do *Laudário de Pisa*, procuramos dar ao leitor uma pontuação razoável. Os sublinhados são da nossa responsabilidade. O Prof. Giacinto Manuppella, nos versos 8, 11, 20, 23 e 28 desta poesia, propôs-nos respectivamente as seguintes correcções: *alto. son; dolçori; seguaci; vergine; eran*. Agradecemos ao ilustre Prof. e aqui registamos as suas observações, a título de exemplo.

e pera nos defender em nossa vida
 nos som per Deus hordenados,
 e com elles som os archangeos,
 e muytas outras companhias
 de spiritos angelicados,
 os quaaes pera nosso serviço e salvaçom
 nos som per o nosso Deus Jhesu assiinados.

Michael, que tanto quer dizer
 tal como o Deus infinito,
 leva nossas almas ao parayso,
 e pos nós está ante o nosso Deus em Juizo,
 com sua balança pera pesar
 as nossas boas obras e maas,
 e pera nos defender do spiritu maligno,
 e por a ssua grande potença
 Luçifer foy lançado do çeeo muyto lynpo,
 com outros muytos diabos
 a elle muyto achegados.

Gabriel, que quer tanto dizer
 como de Deus forteleza,
 elle nos defende e ajuda,
 quando da carne ou do mundo, ou do dyaboo,
 padeçemos tentaçom,
 e nos sostem que nom cayamos
 em nenhũa desesperaçom,
 e el foy aquel que saudou a virgem sancta Maria,
 e preegou primeiro a sancta encarnaçom,
 pera os homens e molheres averem de seer salvos.

Raphael tanto quer dizer
 como de Deus meezinha,
 por que el em nossas doenças e enfirmydades
 nos visita e nos livra,
 e nos procura do senhor Deus Jhesu
 que ajamos tempo pera fazermos
 verdadeira penitência dos nossos pecados,
 e em camynhos, e en no mar e en na terra
 elle aconpanha todas as pessoas
 que a el som encomendadas.

Tradução livre, não expressamente no que respeita a Tobias, na última estrofe, mas sim implicitamente, para quem leu a Bíblia. Ainda assim, dá ao nome de Rafael o significado «de Deus meezinha», equivalente ao italiano «di Dio sire medicina».

Porém, na medida em que chegamos ao fim da laude, tal qual vem no *Laudário de Pisa*, o português alonga-se ainda por quatro estrofes, em estilo igual ao precedente — e damos o primeiro verso de cada estrofe: *Vertudes, principados e senhorios...*; *Tronos som chamados e poderios...*; *Cherubyno e seraphyno...*; *Estas nove ordeens de angeos...*¹².

Seria o original italiano, aqui utilizado por Mestre André Dias, mais extenso do que no *Laudário de Pisa*? Ou Mestre André, um tanto verboso e de escrita fácil, teria tomado a iniciativa de prolongar em português a poesia italiana? Não nos parece fácil a segunda hipótese, mas não podemos afirmá-lo, por enquanto. Num só ano, ele verteu estas laudes para o português, a fim de as cantarem na sua confraria do Bom Jesus. Rima quando rima, dá o sentido, mas glosa-o à sua maneira, e mantém a rima final do refrém ou intróito, ao longo de todas as laudes. E já é muito. Podia ser ele a acrescentar as quatro estrofes de que demos o início. Inclínamo-nos, contudo, para a tradução parafrástica, sendo esta laude pisana, digamos assim, mais curta do que noutras colectâneas. Pode calcular o leitor quantos problemas a resolver e de como uma edição crítica, a preceito, levará anos e anos, principalmente se quisermos avaliar o grau de interferência da poesia italiana na versão portuguesa e também o grau de originalidade em Mestre André Dias. Temos de conhecer, pelo menos, todas as fontes prováveis destas poesias, repetimos. Ora, os laudários italianos formam uma floresta e não estão impressos na sua totalidade, nem lá perto.

Na poesia n.º 2 do *Laudário de Pisa*, dá-se o contrário, no tamanho. Aqui, não duvidamos ser tal poesia feita à base dum apógrafo italiano, diferente do *Laudário de Pisa*, pois falta, neste, o refrém ou responso. Além disso, o final varia, alongando-se no italiano:

*Da ciel uenne messo nouello,
cio fu l'angel Gabriello.*

*Nella cittade di Galilea,
la ou'era la gente giudea,
fauellavan in lingua ebra
in cittade e in castello*

¹² *Landes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias*, ed. cit., pp. 81-83.

Ch'e chiamata Naçareth,
la ue la uergine nacque e stette,
disponsata er'a Joseph
secondo la leggie con l'anello.

L'angel si fue messaggio a Dio
ben comincioe e ben finio,
sauiaamente senza rio
annuntio lo suo libello.

Mais quatro estrofes e acaba a poesia do *Laudário de Pisa*. A balada correspondente, no português, abrange na aparência o refrém e três coplas, com o refrém, ou responso, bem assinalado no final de cada estrofe. E dizemos responso, porque assim lhe chamam aqui:

*Do çeeo veo Gabriel
a saudar a muyto gloriosa virgem
sancta Maria muyto novel.*

En na çidade de Galilea,
alla honde era a gente judea,
que fallava em lyngua ebrea,
per toda çidade e castello.

Resp.: *Do çeeo veo Gabriel.*

A qual çidade avya nome Nazarc,
honde estava a virgem desposada com Joseph,
segundo a ley mandava, com anello.

Resp.: *Do çeeo veo.*

E o angio foy de Deus messegeiro que a annunçiou,
e sem nem hum peccado a saudou,
presentandolhe seu sancto libello.

Resp.: *Do çeeo veo*¹³.

Mas reparando melhor, perguntamos se, no português, terminaria aqui a poesia, pois temos ainda quatro estrofes, no italiano, com a saudação angélica e a perturbação da Virgem Maria. Acredi-

¹³ *Ib.*, ed. cit., pp. 46-47. No cód. 61, da secção dos *Illuminados* da Bibl. Nac. de Lisboa, cf. fl. 37v.

tamos antes num defeito do códice, pois segue esta quadra e a rima do verso final é diferente, contra o costume, e a estrofe portuguesa não corresponde à última da laude italiana.

Per a tua sciência muyto sancta e pura,
foy conservada a nossa sancta fe e a escriptura,
e per ti toda a christandade seja sempre segura,
oo tu dona muyto graciosissima. Amen, amen¹⁴.

Temos, pois, uma laude igual no assunto e na estrutura, tanto na versão de André Dias como no *Laudário de Pisa*. No entanto, não é deste que depende o códice com as poesias do Bispo de Mégara. São dois laudários com bastas composições poéticas da mesma raiz. Tradução de Mestre André Dias e não criação poética sua, no conjunto, quanto às poesias analisadas.

Nem sempre conseguimos apurar a verdade. Foi o monge beneditino a encurtar ou já assim viria no laudário ou laudários por ele utilizados? O leitor lembra-se duma das laudes jacoponeanas existentes em Mestre André Dias, por sinal bem famosa: *Plange la Ecclesia, plange e dolora / sente fortuna de pessemo stato*¹⁵. No nosso estudo sobre as laudes e cantigas de Mestre André Dias, acentuamos que ele omitiu várias estrofes desta laude e a ordem é por vezes diferente e a estrofe *O reliusi en temperamento* desdobra-se amplamente. Neste caso, não acreditamos na influência de qualquer copista italiano, no que diz respeito à paráfrase:

E hu som as viúgeens de alma e de vontade,
e hu som os casados que mantenham
a hordem do casamento com toda lealdade
e hu som as vyuvas e as fieiras professoras
que manteem aquella castidade
que per a sancta ley he estabelecido e mandado?

E hu som os relegiosos e hyrmitãaes,
que vyvam em grande temperamento?
Já todos som lançados
em muy grande perdimento,
priors e abades e monges
com todo seu convento

¹⁴ Bibl. Nac. de Lisboa, *Iluminados*, cód. 61, fl. 38, logo no começo da folha. Não liga com o final da fl. 37v.

¹⁵ IACOPONE DA TODI, *Laude*, (Bari, 1974) n.º 35. Ed. de Franco Mancini. Para o português, cf. MÁRIO MARTINS, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias*, ed. cit., pp. 22-26.

todos de ssy. dam maaõ exemplo,
e fazem a todos grande escandalo,
a todos muyto pubricado ¹⁶.

Suspeitamos, pois, e temos mesmo a certeza, em vários casos, de que André Dias nem sempre se limitava a trasladar do florentino para a linguagem *portuguesa*. Criava, então, sobre o mesmo tema musical e ideológico, uma poesia algo nova e em novo e rude estilo, com um não sei quê de barroco.

Frei Marcos de Lisboa, esse não. Traduz com sobriedade, embora no final de cada quadra da sua versão, exacta e sóbria, venha sempre a exclamação *Oyme*, usada ainda por Arnaldo Gama, em *A Última Dona de S. Nicolau*:

Ó religiosos em temperamento,
muy grande de vós tinha aprazimento,
agora buscando vou todo convento,
acho poucos em que seja consolado.
Oymé ¹⁷.

Acréscimo de Frei Marcos de Lisboa? Não me parece próprio do seu feitio nem dos seus métodos de trabalho. Devia ter usado qualquer original italiano, onde viesse a interjeição italiana *Oimè!* ou *Ohimè*: Ai de mim!

No *Laudário de Pisa*, vêm-nos ao encontro poesias para cantar, das mesmas raízes das laudes de Mestre André Dias. Por exemplo, à canção n.º 5, para rezar na missa ao Agnus Dei, corresponde uma outra do laudário de Mestre André Dias ¹⁸. Desta vez, porém, a laude italiana, de quatro estrofes, atinge sete no português. Na verdade, enquanto no *Laudário de Pisa* a laude acaba num convite aos «innamorati» (enamorados) da Sagrada Eucaristia, para comungarem, o medievo-português junta que se trata duma ordem do Senhor, para virem «baylando e dançando muyto ledamente», etc. E seguem-se mais duas estrofes de amor grato, além dalguns conselhos para uma boa preparação espiritual, a fim de bem receberem a hóstia santa.

¹⁶ MÁRIO MARTINS, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias*, ed. cit. p. 24.

¹⁷ FREI MARCOS DE LISBOA, *Segunda Parte das Crônicas da Ordem dos Frades Menores*, ed. cit., fl. 261v.

¹⁸ MÁRIO MARTINS, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias*, ed. cit., pp. 210-212.

Seguimos boamente o *Laudário de Pisa*, e cá temos uma loa para se cantar pelo Natal. É a n.º 9:

*Cristo e nato
et humanato
per saluar la gente
ch'e perduta
et discaduta
nel primer parente.*

Desta vez, temos duas laudes iguais. E no final de cada estrofe portuguesa, repete-se o refrém ou «responso», bastando-nos copiar este e a segunda estrofe:

*O boom Christo Jhesu he nado,
e humanado,
por salvar toda a gente,
que era perdida e degradada,
por o primeiro nosso parente*

.....

*Huum fremoso lilyo, branco e vermelho,
nado he em este mundo, pera a nós dar boom consselho,
e por fugirmos do Inferno muyto profundo,
porém teve por bem de vïir,
e por nós morte soffryr,
a qual era muyto danosa
a nós primeiramente*¹⁹.

Como o leitor vê, estamos ainda na balada, a rimar em *ente*, no final de cada estrofe. Há ritmo, sabor poético, imagens que ficaram do italiano, mas no conjunto sente-se um à-vontade literário de quem não tinha muita paciência mas sabia que as poesias cantadas são duas vezes poéticas. De facto, a música encobre muitos defeitos da letra.

Mestre André Dias trasladou em português uma canção em louvor de St.º Estêvão, de que até agora só tínhamos publicado o refrém²⁰. Temos agora ocasião de transcrevê-la por inteiro, a fim

¹⁹ *Ib.*, pp. 91-92.

²⁰ *Ib.*, p. 67.

de a compararmos à poesia correspondente do *Laudário de Pisa*, n.º 12. Diz assim o português:

*Oo Estevam martyr sancto,
dá nos ora graça de te louvamos
per muyto doce e prazyvel canto.*

Novello cantar toda a humanal gente,
sempre deve de fazer a Deus omnipotente
e dar lhe grande louvor,
por que fez a sancto Estevam
conprido do Spiritu Sancto.

Forte pena por a fe de Jhesu,
oo martyr sancto sofriste,
pero da sua sancta graça avondo ouveste,
que te nom foy grave sofrer
nenhuum dolor nem quebranto.

Tu graças a Deus deste,
em tua morte com humyldade,
e defendiste a sancta fe
com escripturas e com verdade,
defende ora a nós, que nom vaamos ao logar,
honde sempre ha grande planto.

Homyldosamente rogavas ao teu senhor Jhesu,
quando te o poboo apedrava,
com grande odyo e rumor,
assy roga ora por nós,
que el nos cobra do seu manto.

Tu fuste a sam Paulo grande cajom
per que foy convertido pera salvaçom,
assy faze a nos converter
pera o nosso senhor Jhesu,
com perfeyta contriçom,
por que vivemos em grande quebranto²¹.

No *Laudário de Pisa* falta a derradeira copla e, como se vê, as rimas são desleixadas. Ademais, o intróito, a quem não reparar com atenção, pouco se parece com o português, talvez devido a qualquer variante:

*Stephano santo,
exemplo se lucente,
per cui la gente
de far nouo canto.*

²¹ Bibl. Nac. de Lisboa, *Iluminados*, cód. 61, fl. 13.

No entanto, os versos que seguem coincidem com o português: «Novel cantar / tutta l'umana gente / sempre de fare», etc.

No laudário do monge beneditino, dentro de poesias substancialmente iguais surgem, pois, diferenças, sobretudo a desigualdade no número dos estrofes, umas suprimidas, outras mantidas no seu lugar, algumas não e, quem sabe?, acrescentadas ou desdobradas pelo tradutor. Volta e meia, repetimos, damos com estrofes a mais ou a menos, por exemplo na festa da Epifania ou dos Reis Magos²², em que o *Laudário de Pisa* (n.º 16) nada traz de terceira estrofe em português.

Strella verdadeira e de grande pietança,
em na qual he toda nossa asperança,
leva nos, senhora, aaquella alegria,
honde tu es rosa muyto florecente.

Contudo, é igual o começo de ambas as laudes: *Altissima stella lucente / di noi sempre ui stia ad mente*. Isto é: Altíssima estrela luzente, que sempre estejamos na vossa mente. Ou como diz Mestre André Dias, na sua arte larga de traduzir: *Oo estrella altissyma e luzente / de nós te nembra e nos ave em mente*.

Além disso, os dois últimos versos destas duas laudes são diferentes: um louvor, no italiano; e uma súplica, em Mestre André. Claro que isto podia vir da iniciativa do bispo português, amigo de seguir a sua vontade, sem dizer água-vai.

A propósito das variantes nos originais italianos, basta lembrar o seguinte: O já citado pranto da Igreja (*Plange la Ecclesia, plange et dolora*), de Jacopone de Todi, abrange nada menos de quinze estrofes, além do intróito, claro. Pois no *Laudário de Pisa* (n.º 22) não passam de quatro — e vamos dar o primeiro verso de cada uma: *Que sono li apostoli pieni di feruore...*; *Que sono li martiri pien di fortessa...*; *O religiosi in temperamento...*; *Non n'e chi uegna al mio gran corrotto...* Quantos laudários teremos de percorrer até darmos com a fonte principal da obra de Mestre André Dias, destinada a cantar-se na sua Confraria do Bom Jesus, em Lisboa?

Eis-nos agora em pleno teatro da Paixão, com Nossa Senhora a dizer-nos quem é e quanto sofre:

Uoi ch'amate lo creatore
ponete mente lo mio dolore.

²² MÁRIO MARTINS, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias*, ed. cit, pp. 118-119.

Io son Maria collo cor tristo,
la quale auea per figliuol Cristo,
la speme mia et lo grande acquisto
fu crocifixo per li peccatori.

O figliuol mio, persona bella,
manda consilgio alla pouerella,
gironne sola si taupinella
ch'aggio perduto Cristo d'amore.

O figliuol nio, come siam lassati,
da tutta gente abandonati,
et li nostri amici sono mucciati,
lassati ci anno in gran timore.

Esta laude n.º 24, do *Laudário de Pisa*, alonga-se ainda por nove estrofes. No português²³, notam-se duas estrofes a menos. E no entanto, este pranto de Nossa Senhora das Dores fica materialmente maior do que no italiano a que nos referimos, graças ao estilo mais difuso, e alonga-se por duas estrofes mais. Ao todo, ficam doze, numa e noutra língua. Das italianas transcritas por nós, falta a terceira, por exemplo. E em Mestre André Dias, fixemos apenas o começo: *Vós que amades o criador / teende ora mentes / ao meu planto e grande dolor*.

Longa é a lamentação da Senhora e nós sabemos que, em Portugal, hoje como antigamente, a Virgem Maria cantava e chorava na cena do encontro, a caminho do Calvário, em melodia triste. No português de Mestre André Dias, desta laude, há uma ou outra estrofe diferente. Poucas, entre elas a última: «choremos hora porém todos com esta senhora» e peçamos que interceda por nós junto do seu Filho.

Há, no entanto, poesias onde sentimos o mesmo espírito e expressões comuns, sem podermos afirmar qualquer dependência especial. É o caso de certa *oração, e laude e cantiga e prosa* de Mestre André Dias, em torno da Paixão²⁴, com algumas passagens semelhantes a outras do n.º 25, do *Laudário de Pisa*.

Por outro lado, continuam a aparecer laudes iguais, como a 33, também ela em torno das dores de Nossa Senhora: *Ora piangiamo che piange Maria, / in questa dia sour'ogni dolente*. E no português

²³ *Ib.*, pp. 133-135.

²⁴ *Ib.*, pp. 162-163.

da primeira metade de quatrocentos: *Choremos ora muyto de boa mente, / com a virgem sancta Maria, que he muyto doente*²⁵. Só que falta, em Mestre André Dias, a última estrofe italiana. Falta, no sentido impróprio da palavra. Não viria no original, escrito em florentino.

Voltando ao *Laudário de Pisa*, chegamos ao n.º 34, a um *Pianto di san Bernardo*, ou melhor, pranto do Pseudo-S. Bernardo:

*Salve uirgo pretiosa,
madre de pietansa.*

Audite, gente, un dolce canto
che fece san Bernardo,
della uergine conpianto
come piangea la nostra mansa.

Salve uirgo splendente
sour'ogn' altra se paciente,
eri in Geruçalem presente
quando'l tuo figlio ebbe preçansa?

Ora bem, esta laude, que se alonga por trinta e três estrofes, abrange unicamente seis no português²⁶, com a atribuição tradicional: *Este he o planto da virgem sancta Maria, que feze Sam Bernardo, na morte e paixom do boom Jhesu*:

*Salve virgo preçiosa
e madre muyto piedosa,
e plena de toda humyldança.*

E vós outros boas gentes,
ouvyde huum doorido canto
que fez aquel sam Bernardo,
da virgem sancta Maria
e do seu muyto grande planto,
como chama a nossa muyto dolçe asperança.

Salve virgo esplandeçente,
e sobre todas muyto luzente,
se eras tu em Jherusalém presente,
quando o teu filho foy preso,
com muyto grande amargurança.

²⁵ *Ib.*, pp. 125-126.

²⁶ *Ib.*, pp. 130-131.

Já se vê que a Virgem Maria falava e respondia. Sim, ela estava, de facto, em Jerusalém, quando Jesus era levado preso e de mãos atadas pelos judeus. Mas que diferença de extensão entre a curta laude em português e a italiana!

Tudo isto dava para um teatro algo estático, mas teatro, a que não faltaria um cronista ou «representador», como se dizia no séc. XVI. Ele saudaria rasgadamente Nossa Senhora, havia de explicar tudo ao povo e pediria à Virgem Maria para falar.

Devia a representação decorrer com certa mímica e em tom de melopeia, pois tanto o italiano como o português falam-nos de *canto*.

Enfim, chegamos à ressurreição, no *Laudário de Pisa*, n.º 39. Dela, damos unicamente o intróito e a primeira estrofe:

*Colla madre del beato
gaudiam, ch'e risuscitado.*

Suscitato e l'alta vita
Ihesu, manna saurita,
alla gemma, rosa aulita,
apparitte il gilglio ornato.

Oito coplas no *Laudário de Pisa*, cinco no português²⁷. E destas, só as três primeiras têm correspondência no laudário italiano:

*Com a madre de Jhesu bem aventurado
todos nos alegremos, porque ja he resuscitado.*

Ressuscitada he a muyto alta vida
Jhesu rey da glória, que he nossa vyda
e pedra preciosa e rosa muy florida
que de todo he muyto afremosentado.

Deixemos o resto da laude. De tudo o que fomos dizendo e comentando, concluímos que as laudes aumentavam de códice para códice, diminuíam, mudavam e, por conseguinte os *Inizii di Antiche Poesie Italiane Religiose e Morali* (Florença, 1909), de Annibale Inneroni, ajudam mas não chegam para garantir a identificação perfeita das laudes.

²⁷ *Ib.*, p. 174.

Em Mestre André Dias, temos, por fim, a aparição de Cristo aos discípulos de Emaús:

Oo boom peregrino e muyto sancto,
e tu donde veens assy cansado,
e que de tuas palavras nos ás muyto confortados,
pero somos muyto torvados
de ty, peregrino muyto anado,
que veens de Jherusalem e nom sabes
o que em estes dyas do boom Jhesu foy praticado ²⁸.

No *Laudário de Pisa* (n.º 40), esta laude e *cantica* para a segunda-feira de Páscoa tem o refrém separado e não inscrito na primeira estrofe:

*Unde ne uieni tu, pelegrino amore,
che'l nostro core ai tutto confortato?*

Et quando giunse: tra uoi sia la pace;
che aucte uoi che si state turbati?

Hesitamos em afirmar grande parentesco, entre esta laude e o português. Era uma cena bastante representada no teatro religioso e Young fala muito dela, no teatro litúrgico, sob o termo geral de *Journey to Emmaus*. Foi na igreja de Saintes, em França, que tudo começou em latim, entrando dois peregrinos a cantar, logo no começo: *Tercia dies est quo hec facta sunt*. E Cristo respondia: *Qui sunt hii sermones*, etc. Tudo em forma esquemática e longe do desenvolvimento do teatro das confrarias, como podemos verificar nas *Origini del Teatro Italiano*, de Alessandro d'Ancona.

Em Mestre André Dias, não seria difícil a teatralização desta *cantica*, mediante a ajuda dum *representador*, com este a ligar entre si as partes da acção e a explicá-las ao povo, quando fosse preciso. O público, porém, sabia tudo, quase de cor e saltado. Em tais representações, seria diferente o tom da voz das personagens, como acontecia na leitura da Paixão.

²⁸ *Ib.*, pp. 175-178.

O que há de mais embrulhado são as laudes (iguais nas primeiras estrofes) seguirem depois rumos diferentes. Ora leamos a «Cantica e prosa e lauda» para a festa de Pentecostes²⁹.

*Spirito sancto glorioso
vem ora sobre nós,
muyto benyno e muyto gracioso.*

Tu, sancto spiritu, com grande dulçura veheste
e o pinticoste conpriste
e os teus apostolos enchiste
da tua graça e do teu amor sancto
e muyto glorioso.

E com a tua vertude muyto potente,
de grande soom que foi aginha e repente
o esplendor da tua graça e sabedoria
veo muyto ardente e muyto pavoroso.

Seguem-se mais cinco estrofes, de lirismo ardente, no português, e duas no italiano. Mas se a primeira destas últimas coplas em português ainda tem um leve rasgo da terceira estrofe italiana, o resto difere de todo no português, embora o italiano tenha graça:

*Tutto'l mondo si rinfresca,
lingua ebraea et francesca
et latina et tedesca,
ongni homo era temoroso.*

Assim termina o n.º 45 do *Laudário de Pisa*. Para trás, deixámos a cantiga 42, acerca da Ascensão, em que descobrimos ecos fundos, mas não totalmente claros, da *Cantica e prosa da ascensom de Jhesu Christo*³⁰. Entramos agora numa laude bastante extensa, a do n.º 47. Doze coplas, ao todo. Escreve Erik Staaff acerca da sua versificação: São estrofes de quatro versos de catorze sílabas. E acrescenta: «C'est l'alexadrin dans sa forme primitive, le mester de clerecia de Berceo et d'autres poètes espagnols»:

*Lamentome, sospiro per piu potere amare,
con grande desiderio Ihesu uorrei gridare.*

Vorrei gridar tant'alto tuto'l mondo m'audisse
et dentro'l paradiso ogna santo rispondesse,
al grande mio amore pieta si nne uenisse
la sua beningna faccia mi degni rischiarare.

²⁹ *Ib.*, pp. 180-181.

³⁰ Bibl. Nac. de Lisboa, *Iluminados*, cód. 61, fl. 36v.

Não podemos transcrever toda esta laude 47, pois temos de trasladar para aqui a versão portuguesa por inteiro. Uma quadra a menos, na poesia do *Laudário de Pisa*, duas algo mudadas e o resto substancialmente igual:

*Lamentome e sospiro que eu o boom Jhesu podesse amar
e porém todavya com grande coração a ty, boo Jhesu, eu quero gritar*

Gritar quero com grande arruydo,
que todo o mundo me respondesse
e allá dentro, no parayso,
cada huum sancto me ouvyse
e por mym tanto fizesse
que ao boo Jhesu rogasse
que a ssua face me mostrasse
e m'a quysesse por sua misericordia declarar.

Vay gritando meu coração,
com esqueentado fervor
e para todo o çeco,
e vayte ante o teu senhor
e apresentate ante esse inperador
e fazerteá muyto rico,
se o bem souberes demandar.

Responda me ora o meu senhor
e tenha por bem de me entender,
e enviime a ssua graça e o seu amor,
por tal que sempre lhe faça prazer
e tenhame ora em seu poder
e nom me leixe assy perder,
poys que teve por bem de me crear

Bem sey eu que a Jhesu ey assanhado
e nom lhe ey obedeeçido
e bem nenhum nom ey obrado,
nem ao boom Jhesu nom ey servydo
e como devya nom soom convertido,
e porém soom muyto culpado
em muyto mal dizer
e em muyto mal fazer e obrar.

Affligesseme o coração
em muyta avareza
e, quando esguarda a ssua condiçom,
pouco e pouco a despreza

e toma fortaleza
de buscar consolaçom,
se a em o senhor Jhesu pode achar.

Achar outra cousa nom quero,
senom esta joya que demando,
a vós Christo Jhesu o peço,
com todo meu coraçom pleno,
e aos sanctos demando e rogo
que confortem a mym, muyto mezquynho e tristo,
que esta graça eu possa guaanhar.

Se te eu nom ey oo meu amor real
he, ay de mym, porque me criaste;
e se eu for aa pena infernal
e tu, meu senhor, pera que me formaste?
e hora, senhor, amanssa teu rancor
e livrame de maa morte,
da qual os teus sanctos tu quiseste livrar.

Oo amor meu Jhesu, tu fuste muyto ferido,
dentro no teu sancto lado,
e fuste muyto escarneçido
e en na cruz por mym cruçificado,
e sofriste grande pena e dolor
por mym muyto maa e peccador,
por me tu averes de salvar.

Oo boo Jhesu, eu soom muyto amaro,
por que por mym sofriste tanta pena
e en no meu coraçom te sempre trago,
ainda que tribulaçom me venha,
e tu sejas beento e louvado
e me des camynho e aazo
que eu te possa pera todo sempre
dignamente louvar.

Beento e louvado seja Jhesu, com todos os sanctos
e a ssua madre bem aventurada,
em a qual asperam todos os beatos,
que ella me queira ajudar
em todos os meus trabalhos,
e que a mynha alma seja sancta
e que a graça do boo Jhesu eu a possa enpetrar.

E quando o meu corpo for morto,
todo christaão com oraçom me de sua ajuda,
que do meu senhor Jhesu a mynha alma seja reçebuda,

o qual todo he meu conforto,
 e que el me traga a boom porto
 e que o diaboo me nom confunda
 nem me possa sojugar³¹.

Versificação de ritmo livre, tradução espontânea e, enfim, rimas com fartura (mais do que no italiano), embora algumas delas sejam pobres. Ainda assim, julgamos talvez mais sonoras muitas destas estrofes em português, exactamente por este bater da rima, em versos geralmente mais curtos. E a manter um traço da balada italiana, sempre os versos finais das coplas, a rimar com o último do refrém.

É confusa a sétima estrofe em português, logo no começo. Talvez haja qualquer erro, embora ignoremos qual seja. Vamos dar os primeiros versos da estrofe, no italiano: *Se io non t'avesse amore or per che mmi creasti / s'io andasse ad mortal pene dolente cui formasti*, etc.

Deixemos certas parecenças entre a lauda n.º 47a, do *Laudário de Pisa*, e certa *Cántica breve de oraçom*³², para nos curvarmos sobre a longa *Lauda del singnore*, n.º 51 do *Laudário de Pisa*:

Morro d'amore
 per te redentore;

or dammiti amore
 con molt'allegressa
 purdammit'amore
 et non far dimoransa.

Gesu, fin'amore,
 dolcessa del cuore
 sour'ongn'altro amore
 la tua fina mansa.

Com poucas omissões e raras mudanças, vêm tais estrofes nas laudes e cantigas espirituais de Mestre André Dias³³: *Oo meu Jhesu*

³¹ *Ib.*, fls. 60v-61v.

³² MÁRIO MARTINS, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias*, ed. cit., pp. 266-268.

³³ Bibl. Nac. de Lisboa, *Iluminados*, cód. 61, fls. 59-60. Muitos destes versos publicaram-se já em *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias*, ed. cit., pp. 261-263.

como eu moyro de amor, / por ty meu rey e meu salvador. Ao todo, umas trinta coplas relativamente breves, como no *Laudário de Pisa*.

Como vem numa nota de Staaff, temos aqui uma incorrecção no refrém desta lauda 51, devendo ser como segue na versão de Urbino: «Moro damore / per te redentore / or dameçte amore / / e nno far demorança». E após o refrém, «Jesu fin'amore / dolceça del core / sopra nn'altr'amore / e la tua bell'amança», etc.

Sempre ao longo do *Laudário de Pisa*, vamos detectando algumas cantigas semelhantes às de Mestre André Dias, embora o laudário deste não dependa directamente daquele. Na laude 55, lemos o refrém: *Languisco d'amor dolcemente gustando / gaudente e quel cor che di Dio ua cercando*. E no português: *Enfraqueço de amor muy doçemente, / consiirando em Jhesu aficadamente, / o qual o meu coração contynuadamente / vay sempre alumeando*³⁴.

Continua a manter-se a regra da balada, com o derradeiro verso de cada copla a rimar com a última do refrém. Só que, no *Laudário de Pisa*, as estrofes são aqui mais numerosas. Isto, porém, não impede a terceira estrofe italiana de se *desdobrar no português*. Mestre André Dias não traduzia somente, poetava à sua maneira, sem deixar o leito da corrente.

Em Mestre André Dias³⁵ há outra laude curiosa, de oito estrofes. Acerta com a n.º 59, nas três primeiras estrofes, mas as restantes apartam-se no sentido, referindo-se o português ao remorso de ter deixado a confraria do Bom Jesus. Ficamos por vezes a pensar que algumas laudes eram pau para toda a obra, havendo quem as mudasse conforme a precisão e até conforme o gosto de quem tinha cuidado do laudário, em geral algum padre dedicado à confraria. E poderíamos citar outros exemplos³⁶.

Há laudes curtas, numa e noutra língua, entre elas a n.º 76 do *Laudário de Pisa*:

*Con humil core salutiam cantando
et noi raccomandando
all'alta dolce uergine Maria.*

³⁴ MÁRIO MARTINS, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias*, ed. cit., p. 269.

³⁵ *Ib.*, pp. 230-233.

³⁶ Cf. *Le Laudario de Pise*, ed. cit., n.º 72: *Ave Maria uergine fiore...*; Bibl. Nac. de Lisboa, *Illuminados*, cód. 61, fl. 40.

Seguem-se duas estrofes. E no português? Um pouco mais, três³⁷, além do responsório:

*Com coração humyldoso,
nos recomendando oremos,
e cantando aa nossa madre
virgem sancta Maria.*

E para acabar este paralelo, uma oração pela paz, no *Laudário de Pisa*, n.º 110: *Uenite adorare per pregare / al figliuol della uergine Maria*. E no português, lemos: *Vindeo todos adorar / e por muyta paz lhe rogar, / ao nosso Deus Jhesu, filho de sancta Maria*³⁸. Salta à vista, na leitura do italiano e do português, que este é mais profuso. No entanto, ao lermos a quarta estrofe, no *Laudário de Pisa*, julgamos possível que qualquer italiano, antes de Mestre André Dias, tivesse glosado a poesia original um pouco a seu gosto:

*O pace, com se dolce cosa,
uergine madre amorosa
la uue tutto lo ben si riposa
la vita dell'anima mia.*

E em Mestre André Dias? A sobriedade dos versos acima transcritos derrama-se bastante e, sem o podermos demonstrar, sentimos, nesta espécie de orgia verbal, o feitio abundante e algo veemente de Mestre André Dias:

*A paz como ella seja muyto dolçe
e de todos desejosa
e porém honde sse ella repousa
aly he a vyda da alma
e toda consolaçom toda via.*

*A paz, como sse ella faz nembrar,
logo he muyto doçe na boca
que a faz demostrar,
e porém virgem sancta Maria,
que nom as a ty ygal nem par,
nós te rogamos que esta paz
tu a queiras outorgar a nós e dar,
em todos os dyas da nossa vyda.*

³⁷ MÁRIO MARTINS, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias*, ed. cit., pp. 111-112.

³⁸ *Ib.*, pp. 183-184.

Desleixo na tradução? Pressa? Sim, um pouco disso, mas não só isso. Basta ler as páginas autobiográficas do Bispo de Mégara, na introdução do seu laudário, para logo adivinharmos que o estilo é o mesmo.

Seja como for, sem falarmos nas laudes jocoponeanas, temos, neste códice escrito em 1435, um bom repositório da poesia religiosa italiana posta em português e, em certa maneira, um documento valioso das comunicações literárias entre Portugal e a Itália religiosa e culta. Não esgotámos o assunto mas, por agora, *iam satis prata biberunt*, como dizia Virgílio.

MÁRIO MARTINS